

# PERSUAÇÃO E TERROR: A LINGUAGEM DA HIGIENE EM MANUAIS ESCOLARES BRASILEIROS (SÃO PAULO, 1920-1950)<sup>§</sup>

*Persuasión y terror: el lenguaje de la higiene en los manuales escolares brasileños (São Paulo, 1920-1950)*

*Persuasion and Terror: the Language of Hygiene in Brazilian Schoolbooks (São Paulo, 1920-1950)*

Heloísa Helena Pimenta Rocha\*

Fecha de recepción: 18/03/2015 • Fecha de aceptación: 19/04/2015

**Resumo.** Este artigo indaga sobre a presença e o papel das emoções em manuais escolares que abordam temáticas ligadas à higiene e à saúde. Para tanto, examina um *corpus* de manuais produzidos entre as décadas de 1920 e 1950, os quais tinham como destinatários, entre outros públicos, as crianças que frequentavam as escolas primárias do estado de São Paulo, Brasil. Detém-se, de modo mais específico, na análise da linguagem utilizada, buscando captar a dimensão afetiva presente no tratamento de temas como o asseio, a alimentação, as doenças e as formas de prevenção, tanto dos males que atacavam o físico, quanto daqueles considerados como desregramentos morais. O exame dos textos selecionados sugere que a sua composição se articula à possibilidade de transmissão de um conjunto de conhecimentos sobre a saúde, apresentados sob o signo da cientificidade e da razão, com o intento de permitir que os seus leitores se prevenissem das doenças e de suas consequências. A indagação acerca da linguagem acionada no tratamento dos temas permite flagrar a carga afetiva de que é investida a abordagem das questões de higiene e saúde tematizadas, possibilitando pôr em cena o recurso às emoções em que se pautava um projeto que visava, em última instância, à adesão a um modo de vida saudável, civilizado e moralmente aceito, o qual seria al-

<sup>§</sup> Este artigo apresenta resultados do projeto de pesquisa *Biblioteca de higiene para as crianças paulistas: tipos e gêneros textuais de manuais escolares*, financiado pelo CNPq (Processos 308755/2011-1 e 477780/2012-1). Uma primeira versão deste texto foi apresentada no XI Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana (México, 2014).

\* Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Rua Aglair Buratto Villas Boas, 425, 2/52, Vila Bella, Campinas (SP), Brasil, CEP 13087-725. heloisah@unicamp.br

cançado por meio da internalização, por parte das crianças, das pautas de comportamento prescritas.

**Palavras-chave:** Manuais escolares. Emoções. Saúde. Higiene. Medo.

**Resumen.** Este artículo indaga sobre la presencia y el papel de las emociones en manuales escolares que abordan temáticas ligadas a la higiene y la salud. Para ello examina un *corpus* de manuales producidos entre las décadas de 1920 y 1950, que tenían como destinatarios, entre otros públicos, a los niños que frecuentaban las escuelas primarias del estado de São Paulo, Brasil. Se detiene específicamente en el análisis del lenguaje utilizado, buscando captar la dimensión afectiva presente en el tratamiento de temas como el aseo, la alimentación, las enfermedades y las formas de prevención, tanto de los males que atacaban el físico como aquellos considerados desarreglos morales. El examen de los textos seleccionados sugiere que su composición se articula a la posibilidad de transmitir un conjunto de conocimientos sobre la salud, presentados bajo el signo de la ciencia y la razón, con la intención de que sus lectores se previnieran contra las enfermedades y sus consecuencias. La indagación sobre el lenguaje utilizado en el tratamiento de los temas permite captar la carga afectiva que envuelve el abordaje de las cuestiones de higiene y salud, colocando en el escenario el recurso de las emociones para sustentar un proyecto que buscaba, en última instancia, la adhesión a un modo de vida saludable, civilizado y moralmente aceptado, que solo sería alcanzado por medio de la interiorización, por parte de los infantes, de las reglas de comportamiento prescritas.

**Palabras clave:** Manuales escolares. Emociones. Salud. Higiene. Miedo.

**Abstract.** *This article delves into the presence and role played by emotions in schoolbooks dealing with themes related to hygiene and health. To do so, we examine a corpus of textbooks produced between 1920 and 1950, designed for, among others, children attending elementary schools in the state of São Paulo, Brazil. The article focuses, more specifically, on the analysis of the language used in these books, trying to capture the affective dimension present in the treatment of themes such as cleanliness, eating habits, diseases and prevention methods, both for problems concerning the physical body and those considered to be of a moral dimension. An analysis of the textbooks reveals that their contents are meant to convey information about health in an emotional way, where in the name of science and logic, an effort is made to encourage readers to guard themselves against diseases and their consequences. An examination of the language used for dealing with these themes shows us to what degree an affective approach was taken with regard to hygiene and health issues. A strong appeal was made to the emotions in procuring adherence to a healthy, civilized and morally accepted lifestyle, one that could be achieved through the children's internalization of the prescribed behavior agenda.*

**Keywords:** Schoolbooks. Emotions. Health. Hygiene. Fear.

Em 1928, veio a lume o *Livro de Hercules: lições de hygiene, cívicas e mores* de autoria do professor primário Accacio Faria,<sup>1</sup> obra aprovada e adotada pela Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo, para o ensino da leitura fundamental no 3º. ano das escolas públicas. O livro, produzido com base nos dados colhidos pelo autor no Instituto de Higiene do Estado de São Paulo,<sup>2</sup> apresentava-se como um «modesto trabalho», no qual se articulavam educação higiênica e moral, visando à formação das crianças para o porvir. Atribuindo à higiene a possibilidade de aperfeiçoamento orgânico do indivíduo e de conservação da espécie, o texto inicial lembrava que as prescrições higiênicas não deveriam ser simplesmente aprendidas, mas compreendidas e praticadas. Para tanto, o autor procurava traduzir em historietas «os ásperos conselhos e ensinamentos de hygiene», amenizando-os e adaptando-os à «compreensão infantil».<sup>3</sup> A iniciativa fazia parte de um movimento que se intensificou a partir da segunda metade da década de 1920, quando se assistiu à crescente expansão da produção de textos escolares, abordando temáticas ligadas à higiene e à saúde, destinados às crianças das escolas primárias.

Resultado da ação de órgãos governamentais, de editoras e dos próprios autores, a produção de livros escolares acompanhou o processo de difusão da escolarização, podendo ser observada em relação às várias áreas do currículo escolar. No caso da higiene, tal crescimento justificava-se também em função da emergência dos problemas gerados pela urbanização —entre os quais a eclosão de graves quadros epidêmicos e endêmicos—, como também do amplo movimento em prol do saneamento rural. A expansão da produção

<sup>1</sup> Entre as décadas de 1910 e 1920, o autor foi professor adjunto de grupos escolares situados no litoral do estado de São Paulo, mais especificamente, nos municípios de Santos, Iguape e Vila Bela. À época da publicação da obra, Faria já atuava como professor em grupos escolares da região litorânea, havia mais de uma década.

<sup>2</sup> O Instituto de Higiene (atual Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo) teve suas origens no acordo de cooperação estabelecido, em 1918, entre o Governo do Estado de São Paulo e a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller, tendo em vista o provimento da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Durante a gestão de Geraldo Horácio de Paula Souza (1922-1927), o instituto assumiu a condição de órgão diretor da política sanitária estadual, participando, de forma decisiva, da produção de um discurso científico sobre as «questões urbanas» e da elaboração de estratégias de intervenção orientadas segundo o objetivo de «formação da consciência sanitária da população». Consultar, a esse respeito, Heloísa H. Pimenta Rocha, *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo* (Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2003).

<sup>3</sup> Accacio Faria, *Livro de Hercules: lições de hygiene, cívicas e mores* (São Paulo: Typographia Bancária, 1928).

e difusão de manuais escolares nessa área ganha sentido, ademais, quando se observa o lugar central assumido pela escola nos projetos de higienização social, além dos vínculos entre educação e saúde, nas intervenções que tiveram lugar no estado de São Paulo, a partir da década de 1920.

No âmbito dessas intervenções, a educação passou a ser vista como fator decisivo na regeneração da população, acreditando-se ser possível, por meio dela, assegurar a aquisição de hábitos saudáveis, desde a mais tenra idade. Nos discursos de médicos, das autoridades governamentais e de reconhecidos educadores do período, tornou-se cada vez mais frequente a afirmação dos riscos advindos da grande concentração de crianças nos espaços escolares e, por essa via, da necessidade de uma inspeção rigorosa da escola sob o ponto de vista higiênico. Por outro lado, tomou vulto a afirmação do papel da escola na prevenção das doenças, tanto pela sua ação direta sobre as crianças, como pela influência indireta sobre as famílias, com vistas a reorientar as suas práticas cotidianas de cuidado com o corpo, a casa e a criação dos pequenos.

O fenômeno, que redundou em inúmeras iniciativas, entre as quais figuravam a publicação de livros e folhetos informativos, versando sobre temáticas ligadas à higiene do indivíduo e do meio, não era exclusivo do estado de São Paulo, nem mesmo do Brasil. Tampouco se constituía em uma novidade. Inserir-se em um movimento internacional, cujas origens remontavam ao século XIX. Examinando a difusão do higienismo e o lugar atribuído à escola no âmbito desse movimento, Antonio Viñao Frago e Pedro Martínez destacam que, a partir dos finais do século XIX, os médicos-higienistas, em seu afã de debelar as epidemias, combater a mortalidade e produzir novos modos de viver em sociedade, consideraram a escola como objeto privilegiado de intervenção, dedicando-se ao estudo dos tempos e espaços da escolarização, dos métodos e procedimentos de ensino, da constituição física e intelectual dos alunos.

Assim, «a partir de presupuestos higiénicos, se pretendía regular la vida de los individuos, de las familias y de los grupos sociales en toda su amplitud, aunque la escuela y la familia constituyeran, desde su inicio, dos de los lugares privilegiados de intervención del higienismo».<sup>4</sup> Segundo assinala Viñao Frago, a confluência entre a medicina, a higiene e a educação

---

<sup>4</sup> Antonio Viñao Frago y Pedro L. Moreno Martínez, «Introducción», *Areas. Revista de Ciencias Sociales*, 20 (2000): 7. Número monográfico sobre «Higienismo y Educación (ss. XVIII-XX)».

escolar mostrou-se inevitável, no âmbito desse movimento, já que a escola se apresentava como um espaço social por meio do qual era possível tanto garantir a atenção médico-higiênica à infância, como intervir nas famílias, reconfigurando as práticas de cuidado e educação das crianças. Em síntese, conforme ressalta o autor, «la medicalización de la infancia se daba la mano con su escolarización. Y esta última con la higienización de la escuela».<sup>5</sup>

Tendo em conta esse cenário marcado pela difusão do higienismo e pelas iniciativas de expansão da escolarização, este artigo examina manuais destinados às crianças das escolas primárias de São Paulo, produzidos entre as décadas de 1920 e 1950, os quais têm como foco temáticas ligadas à higiene e à saúde. Interrogam-se, mais especificamente, os conteúdos que essas obras põem em circulação, bem como os procedimentos retórico-discursivos por meio dos quais se busca constituir a leitura e configurar como conteúdos formativos os temas e motivos abordados.<sup>6</sup> A análise dos manuais fundamenta-se nas contribuições das ciências sociais para o estudo das emoções e do seu papel na regulação da vida em sociedade, valendo-se, de modo mais específico, dos estudos de Barbalet e Scheff.<sup>7</sup> Com base nas reflexões propostas por esses autores, busca examinar a linguagem utilizada nos manuais selecionados, procurando atentar para a carga afetiva presente no tratamento de temas como o asseio, a alimentação, as doenças e as formas de prevenção tanto dos males que atacavam o físico como dos desregramentos morais.

Assim, interessa aos objetivos deste artigo dar conta das seguintes indagações: que referências às emoções e aos sentimentos figuram nesses manuais? Que comportamentos as narrativas oferecidas às crianças visam produzir? Como essas narrativas se articulam com vistas a conformar os gestos infantis? Que lugar ocupam as emoções na estrutura dessas narrativas voltadas para a produção de um modo de vida saudável, higiênico e moralmente aceito? É importante assinalar que, no âmbito dessa reflexão,

<sup>5</sup> Antonio Viñao Frago, «Higiene, salud y educación en su perspectiva histórica», *Areas. Revista de Ciencias Sociales*, 20 (2000): 12.

<sup>6</sup> Antonio Augusto Batista y Ana Maria Galvão, *Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história* (Campinas: Mercado de Letras, 2009).

<sup>7</sup> Jack Barbalet, *Emotion, social theory and social structure. A macrosociological approach* (Cambridge: CUP, 2001); Jack Barbalet, «Boredom and social meaning», *British Journal of Sociology*, 50 (1999): 631-646; Thomas J. Scheff, *Microsociology: discourse, emotion, and social structure* (Chicago: The University of Chicago Press, 1990).

importa recensear fundamentalmente as dimensões emocionais da interpe-  
lação higienista.

### O TERROR: UMA «SÍNCOPE FELIZ»!

Dirigindo-se provavelmente aos professores e procurando conformar a  
leitura do catálogo de vida saudável articulado em torno da saga do perso-  
nagem Hercules, Accacio Faria afirma a relação de complementariedade  
que guardavam entre si as estratégias de persuasão e o recurso ao terror, ao  
afirmar que: «duas escolas se apresentam no campo da pedagogia, para tor-  
nar mais propício e eficaz o ensino e a prática da higiene: a do Terror e a da  
Persuasão. E, se bem que aparentemente antagônicas, elas se completam».<sup>8</sup>

Sem negar a superioridade da persuasão, mas ao mesmo tempo sem  
descurar o valor pedagógico da atemorização, diante dos perigos que amea-  
çavam a humanidade, o autor lembrava que:

persuadir, em matéria de higiene, não é suficiente. Daí a necessi-  
dade de retornarmos ao arcaico, porém mais eficaz processo da  
atemorização, o que pedagogicamente se nos afigura uma espécie  
de «síncope» nas conquistas do espírito humano, mas uma «síncope  
feliz» e indispensável, em vista dos grandes flagelos que atualmente  
conturbam a humanidade.<sup>9</sup>

Embora arcaico, o método, que visava acionar uma carga emocional  
capaz de redirecionar o rumo da ação humana, mostrava-se eficaz: uma  
«síncope feliz»! O livro de Faria inscreve-se em uma tradição de textos que,  
intentando instaurar práticas consideradas salutares, desde a mais tenra  
idade, se move nessa dupla dimensão, apelando ao convencimento e, por  
essa via, enaltecendo os ganhos que advinham de uma vida modulada se-  
gundo os imperativos da higiene e da moral, mas, também, lançando mão  
das virtudes do medo, do temor, do terror e, em alguns casos, do constrangi-  
mento e da vergonha.<sup>10</sup> Uma linguagem marcada pela oposição entre o bem  
e o mal, a vida e a morte, a perdição e a salvação percorre essa modalidade  
de textos, constituindo-se o apelo às emoções e aos sentimentos em recurso  
que visava conquistar a adesão das crianças a um novo modo de vida.

---

<sup>8</sup> Faria, *Livro de Hercules*, s. p. (páginas iniciais).

<sup>9</sup> Faria, *Livro de Hercules*, s.p. (páginas iniciais).

<sup>10</sup> Sobre a articulação entre esses sentimentos, consultar Barbalet, *Emotion, social theory*.

A trajetória de Hercules, narrada em suas mais dramáticas cores, encontra equivalente em outros textos, entre os quais selecionamos alguns livros que compõem a coleção publicada pela Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, nos anos 1950. Coleção essa composta de livros de formato pequeno, contendo 32 páginas, os quais eram distribuídos gratuitamente. Sem desconsiderar as distinções que marcam os contextos de produção das obras, os objetivos que respondem pela sua publicação e, ainda, a inserção profissional dos seus autores e os seus possíveis vínculos com o Estado,<sup>11</sup> interessa observar a permanência desse jogo de emoções na produção de um discurso pedagógico, que tem como intento antepor-se às doenças, prevenir os males e preservar a saúde. A retórica da regeneração articula esse conjunto de textos, produzidos num intervalo temporal em que as mudanças políticas, econômicas e sociais são consideráveis, marcando a continuidade do recurso a emoções intensas, acionadas não com o propósito de paralisar os indivíduos, mas de despertar as suas mais vigorosas reações no enfrentamento de males que, em seu último termo, são identificados à morte.

Lançando mão de títulos sugestivos, que podem ser lidos como metáforas dos males que buscam combater, o conjunto de manuais selecionados, em que pese serem escritos por autores distintos, pode ser tomado como obra que tem uma autoria comum: o estado de São Paulo. Produzidos ou aprovados por órgãos governamentais, os manuais, destinados, entre outros públicos, às crianças em seus primeiros anos de escolarização, podem ser tomados como expressão das ações do Estado voltadas para o combate a enfermidades como tuberculose, sífilis, ancilostomose, ou aos desregramentos atribuídos ao alcoolismo. Além do *Livro de Hercules*, compõem o *corpus* examinado as seguintes obras: *A maior riqueza*, de autoria de Gracita Miranda;<sup>12</sup> *A última caçada*, de Enéas do Amaral;<sup>13</sup> *Baile de formatura*, de

<sup>11</sup> Não se dispõe de dados sobre todos os autores das obras publicadas pelo Departamento de Saúde do Estado e sobre as tiragens. Apesar dessas lacunas, é possível supor que as obras circulavam tanto nas escolas, como em outras instituições, entre as quais os órgãos de saúde. Trata-se de textos escritos em linguagem simples, nos quais se conjugam texto e imagens em branco e preto.

<sup>12</sup> Gracita Miranda, *A maior riqueza* (São Paulo: Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, 1952). A autora foi educadora e jornalista, sendo responsável pelas pautas de saúde e por questões referentes a associações de mulheres, nos *Diários Associados*.

<sup>13</sup> Enéas do Amaral, *A última caçada* (São Paulo: Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, 1953).



Guilherme de Almeida;<sup>14</sup> *O gigante invisível*, de Afonso Schmidt;<sup>15</sup> e *O pacto com o demônio*, de Galeão Coutinho.<sup>16</sup>

## HERCULES E O TRABALHO DE REGENERAÇÃO

Acompanhemos a produção do personagem central da narrativa de Faria em sua saga, que se desenrola em 33 episódios, nos quais se encenam do nascimento à «felicidade de Hercules», não sem uma breve interrupção em que essa felicidade se vê ameaçada pela doença e pelos prazeres do álcool, em todo o seu cortejo fúnebre. Forte, exuberante, robusto, de saúde inigualável, o pequeno Hercules, recém-nascido, é apresentado como um «botão em flor». Sob a supervisão do zeloso avô, que na juventude fora educador, Hercules tem a sua vida orientada pelos preceitos da puericultura e vai se desenvolvendo «livremente, sem afagos exagerados, sem colo e sem berço».<sup>17</sup> Duas figuras se constroem em torno da educação do pequeno Hercules, uma masculina e outra feminina, representadas pelo experiente avô, conhecedor da alma das crianças, a surpreender cada pequeno deslize de uma mãe extremosa em seus cuidados, porém inexperiente e insegura. Personificando a própria puericultura, o avô lembrará, a cada passo, que «o papel das mães na educação infantil, é decisivo para o futuro de seus filhos. Quantos erros e quantos vícios acompanham muitas vezes o homem, do berço até a sepultura, devido à falta de cuidado com que se lhes ministram os primeiros conhecimentos!».<sup>18</sup>

<sup>14</sup> Guilherme de Almeida, *Baile de formatura* (São Paulo: Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, 1953). Almeida (1890-1969) foi advogado, jornalista, crítico de cinema, poeta, ensaísta e tradutor. Participou da Semana de Arte Moderna; foi membro da Academia Paulista de Letras, da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Seminário de Estudos Galegos de Santiago de Compostela e do Instituto de Coimbra.

<sup>15</sup> Afonso Schmidt, *O gigante invisível* (São Paulo: Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, 195?). O autor, Afonso Schmidt (1890-1964), foi jornalista, contista, romancista e dramaturgo. Nos anos 1910, foi diretor do *Jornal do Povo*, no Rio de Janeiro. Trabalhou também nos jornais *Folha da Noite* e *O Estado de São Paulo*. Foi sócio fundador do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, além de membro da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

<sup>16</sup> Galeão Coutinho, *O pacto com o demônio* (São Paulo: Seção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo, 195?). Coutinho (1897-1951) foi escritor, tradutor, poeta e jornalista. Foi redator chefe da *Gazeta de S. Paulo*. Atuou também no *Correio Paulistano*, *Jornal da Manhã*, *Jornal de S. Paulo* e *Jornal de Notícias*, do qual era diretor por ocasião do seu falecimento. Na década de 1930 criou, com Mário de Andrade, Sérgio Milliet e outros, a editora Cultura Brasileira.

<sup>17</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 23.

<sup>18</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 26-27.



Cercado de todos os cuidados, o menino vai se desenvolvendo e assimilando os «preceitos da verdadeira higiene»,<sup>19</sup> como se pode depreender da narrativa *O dia de Hercules*. Regrado segundo os imperativos da higiene, o cotidiano do menino transcorre em meio a uma rotina que inclui alimentação moderada, escovação dos dentes, brincadeiras, passeios com o avô e belas histórias contadas pelo pai à mesa do jantar. A essas se associam as lições escolares, que lhe ensinam o valor do asseio, o poder da higiene na prevenção de moléstias e infecções contagiosas, e o papel dos «homens de ciência» na descoberta dos meios de evitar e combater as enfermidades. Assim, o heroico personagem vai sendo construído em sua força, saúde e alegria. Não fora a advertência do autor sobre a aliança entre persuasão e terror na conformação dos hábitos higiênicos, a construção da narrativa edificante, calcada sobre os alicerces de uma vida familiar harmônica e as certezas do discurso pedagógico, não autorizaria a supor o futuro sombrio que se anunciava para o forte e saudável menino.

Um corte na narrativa põe em cena a dimensão do terror, enunciada por Faria como uma das faces do método educativo. Se, nos dois terços iniciais da obra, o autor enreda os seus leitores na afirmação de uma vida pautada nos ditames da higiene, as 30 páginas finais desse livro de 125 páginas —que se propõe a oferecer aos pequenos lições de higiene, moral e formação cívica—, exibem a dimensão trágica tomada pela vida de Hercules, seguida da sua redenção. Os títulos dos capítulos indiciam as desgraças resultantes dos desregramentos, sem deixar, entretanto, de reafirmar a possibilidade de regeneração, assegurada pela higiene: *O perigo de um prazer*, *O charlatão*, *Decadência*, *Na taberna*, *Na prisão*, *No júri*, *Novas esperanças*, *Uma visita*, *A felicidade de Hercules*. Marcados por um tom trágico, esses episódios apresentam Hercules adulto, operário de fábrica, em uma progressiva decadência. Membro de uma sociedade dançante, Hercules se deixa levar pelos maus conselhos de alguns companheiros e se entrega com «entusiasmo a essa tão prejudicial diversão»<sup>20</sup> e aos prazeres, esquecendo as moléstias que podem ser contraídas no contato com pessoas doentes.

O momento fatídico se dá em torno de um aparentemente inocente copo de refresco, como a sinalizar os perigos que rondavam certos ambientes, ou os perigos do prazer desregrado. Se o álcool figura como o

<sup>19</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 31.

<sup>20</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 93.

grande mal que articula a sequência trágica da decadência, a sua entrada em cena é construída por meio da ida do personagem a um lugar de diversão, numa cena em que a bebida alcoólica aparentemente não se faz presente. Diversão e perigo se associam, no primeiro ato, em torno de uma bebida insuspeita:

estava ele, no seu clube, em companhia de um amigo que sofria de uma moléstia contagiosa e que tinha os lábios assinalados por aftas que mal se percebiam.

Como fizesse calor, Hercules convidou-o a tomar um refresco.

Em dado momento e por uma natural distração, trocaram os copos.

O resultado desse engano foi, como veremos mais tarde, de péssimas consequências para Hercules.<sup>21</sup>

A figuração da moléstia contagiosa assume uma dimensão crescente, sendo transmitida, mais tarde, à mulher e ao filho. Diversão, enfermidade e álcool transformam aquele que um dia fora a personificação da saúde em um «indivíduo infeliz e perigoso: quase todos os objetos que usava ficavam infeccionados da terrível moléstia —as navalhas dos barbeiros, os copos onde bebia, etc—».<sup>22</sup> Tal é a carga afetiva investida na construção do personagem, agora contaminado com um mal altamente contagiante (cujo nome é interdito na narrativa), que ele se transforma em uma espécie de fantasma a espalhar os perigos por onde passa: «Se tivesse beijado a rósea boca de uma criança, sem supor que a contaminava, lhe teria feito um grande mal com aquela prova de afeto».<sup>23</sup>

Entre uma desgraça e outra, o leitor vai sendo convocado a acompanhar os meandros da decadência de Hercules. O clima de terror é construído cuidadosamente, passo a passo. Assim, a narrativa dos desdobramentos da infeliz decisão de casar-se, sem antes consultar um médico, é precedida de uma advertência aos leitores. Advertência que não é casual, mas assume um lugar fundamental na construção do clima emocional, por meio do qual se intenta produzir a adesão dos futuros jovens e, quiçá, de suas famílias, aos preceitos higiênicos:

---

<sup>21</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 96.

<sup>22</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 98.

<sup>23</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 98-99.

é agora com certo pesar que continuamos a história de Hercules, por se tornar ela um pouco triste. E vocês, crianças, por ela ficarão compreendendo qual o valor dos conselhos da higiene e quão necessário é defendermos e cuidarmos da própria saúde, sem o que não haverá nem paz nem felicidade.<sup>24</sup>

O próximo passo na construção da *decadência* do personagem, doente, desanimado, «sem gosto pelo trabalho»,<sup>25</sup> é a busca de distração nas tabernas, numa sequência que envolve o vício da embriaguez, o jogo, a perda da saúde, do dinheiro e da tranquilidade. A desgraça vai sendo anunciada a cada episódio. Os conselhos que Hercules recebe deveriam repercutir na alma dos pequenos leitores, convocados a testemunhar a fatalidade que interrompe a feliz trajetória do personagem: «Infeliz! A amizade com esse terrível inimigo da humanidade —o álcool, ser-lhe-á fatal, como adiante veremos—».<sup>26</sup> Entre esses conselhos, nem mesmo a trágica «história do alcoólico», pequeno texto recebido pelo correio, interrompe o curso da sua decadência. A história é protagonizada por um homem que faz um pacto com a morte. Em troca de mais algum tempo de vida, ela lhe oferece três alternativas: matar o pai, espancar a esposa e os filhos ou beber um copo de vinho. Optando pela última alternativa, o homem, tomado pelos desvarios resultantes da ingestão constante da bebida, acaba por praticar os outros dois atos de brutalidade que, a princípio, lhe pareceram absurdos. Triste sina que parecia prenunciar as desgraças do próprio Hercules.

Desempregado havia dois anos, uma vez que fora dispensado da fábrica, por sua incapacidade para o trabalho, impontualidade e preguiça, Hercules se entrega à vida dissoluta, envolvendo-se em um conflito, que o leva à prisão. O ambiente da taberna, cenário onde se desenrola o episódio, é pintado com as mais negras tintas, em que se mesclam «rua deserta e mal iluminada», «luz vermelha de uma suja e antiga lanterna», que mais se assemelha a um «sangrento farol», «sombrio salão», «velhas e ensebadas mesas». Enfim, um lugar povoado de «indivíduos de aspecto estranho», onde «se joga, se fuma, se bebe e se discute».<sup>27</sup> O contraste entre o promissor menino, saudado pelo avô como um «botão em flor», e o homem de meia

<sup>24</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 99.

<sup>25</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 101.

<sup>26</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 102.

<sup>27</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 108.

idade, decrépito, «a cabeça já bastante branca repousada sobre as mãos, sozinho a um canto, pensativo e taciturno» não pode ser mais flagrante.<sup>28</sup> O episódio termina na prisão.

Indiferença, revolta, ódio incontido de tudo e de todos, desejos de vingança, expectativa de liberdade, vergonha, humilhação. Um misto de sentimentos emerge na prisão, onde o personagem tem a oportunidade de «avaliar o grau de aviltamento a que chegara pelo uso imoderado que fizera das bebidas alcoólicas. Sim, o único causador daquilo tudo era o vício da embriaguez, vício que o tornara do homem livre e prestável que era, naquele ser mesquinho, desprezível e fraco».<sup>29</sup> Sua fisionomia era marcada pelos «fundos sulcos da desgraça e da miséria com que o vício e o martírio estigmatizam as suas vítimas».<sup>30</sup>

Depois de longos meses na prisão, o personagem é, finalmente, absolvido, não sem carregar consigo as palavras de reprovação do seu advogado em relação ao alcoolismo: «seu advogado falara longamente sobre a embriaguez, pintando-a com negras cores, mas com as tintas da realidade; dizendo ser ela uma horrível desgraça para o homem e para a sociedade, um flagelo, um vício hediondo que degrada o homem, tornando-o um ser abjeto, talhado para o crime e para a desonra».<sup>31</sup> A narrativa se encerra com o retorno do «antigo sentimento da dignidade»,<sup>32</sup> o desejo de uma nova vida, movida pelo trabalho e pela honradez, despertado pelas palavras de reprovação que ouvira em seu julgamento. A tônica do episódio, que leva como título *Novas esperanças*, é a da regeneração: «Sim, pensou, de hoje em diante saberei pautar as minhas ações pela senda segura do dever e da honra. Levantou-se. O seu rosto muito sereno refletia a resolução firme que tomara – a da sua própria regeneração».<sup>33</sup>

O final da narrativa é exemplar: Hercules reunido a sua família recupera a saúde e o emprego. Desfecho que se dá com a ajuda de um velho amigo, curado da opilação graças aos sábios conselhos e à orientação do personagem, quando ainda era uma criança, e com o poderoso recurso da ciência:

---

<sup>28</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 108.

<sup>29</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 112.

<sup>30</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 113.

<sup>31</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 116-117.

<sup>32</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 119.

<sup>33</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 120.

«a ciência, felizmente, dispõe de meios poderosos para combater as mais terríveis moléstias. É preciso, entretanto, paciência e perseverança».<sup>34</sup> Saúde, vigor físico, família e trabalho compõem o desfecho da narrativa — um epílogo construído sob o signo da felicidade plena:

Há muitos anos que Hercules não sabia o que era um instante de satisfação. Nesse dia, porém, sua alegria foi completa  
— «Se todos soubessem», disse ele abraçando carinhosamente a esposa, «quanto vale uma boa saúde e a obrigação que temos de zelar por ela, a vida sobre a terra seria muito mais suave e tranquila».<sup>35</sup>  
[...] Hercules e sua família eram agora felizes.<sup>36</sup>

## PEDRINHO E O DEMÔNIO

Alguns dos núcleos presentes na narrativa de Faria podem ser reencontrados nas obras publicadas pela Secretaria de Propaganda e Educação Sanitária, as quais, abordando distintas questões, nem sempre se organizam segundo o mesmo esquema adotado no *Livro de Hercules*. Independente da temática central, o recurso ao terror como forma de convocar à adesão aos preceitos da higiene é recorrente nesses manuais. Ora atenuado por um desfecho feliz, ora levado ao extremo do leito de morte, o terror parece rondar a vida dos pequenos leitores, cercando-os em suas brincadeiras de infância ou antecipando os riscos da vida adulta.

A ideia de um pacto sombrio, que pode custar vidas, sugerida na carta anônima recebida por Hercules, é o eixo da obra *O pacto com o demônio*, protagonizada pelos irmãos Henrique e Pedrinho, personificação do bem e do mal, da virtude e dos vícios. Menino de «instintos à solta», que «não admitia repreensões de ninguém»,<sup>37</sup> Pedro, ainda criança, não saía da rua e já havia sido flagrado fumando pela mãe — uma viúva devotada à criação dos filhos. Em certa ocasião, a mulher fora alertada pelo vizinho: «olhe, dona Venância, pelo Henriquinho não vem mal ao mundo, mas a senhora deve ter muito cuidado com o Pedro. Aquilo é o diabo em figura

<sup>34</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 124.

<sup>35</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 123-124.

<sup>36</sup> Faria, *Livro de Hercules*, 125.

<sup>37</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 7.

de gente, dona Venância; tenha mão nele, senão é capaz de dar em droga». <sup>38</sup> A profecia do vizinho ecoava nos ouvidos da mãe que temia quando via o filho sair para a escola, entre outras razões, pelos riscos do «desencaminhamento».

O contraste entre o temperamento dos irmãos desde a infância é um elemento central na construção da trama. Já adultos, Henrique, com seu jeito quieto, sossegado, «songamonga», <sup>39</sup> era o oposto de Pedrinho —estouvado, ágil, olhos vivos e inquietos, falante e galanteador. Enquanto um se movia entre o trabalho e a casa, tendo por diversão a leitura do jornal; o outro vivia entre o trabalho e a diversão, chegando em casa todos os dias tarde da noite. A voz do vizinho, ouvida quando os dois eram crianças, reaparece pela boca de uma moça que, mais tarde, se tornará a esposa de Henrique. Como uma profecia, a moça afirma que, apesar de inteligente e vivo, Pedrinho não seria um bom marido, fazendo coro com as suspeitas alimentadas pela mãe em relação ao filho desajuizado. Suspeitas que se confirmam quando ela o surpreende, ao chegar em casa de madrugada, totalmente embriagado: «o rapaz estava com o rosto transtornado. A mãe percebeu logo que ele havia bebido, porque lhe sentiu o bafo de álcool». <sup>40</sup> Em meio à discussão com a mãe, as inevitáveis comparações com o irmão, modelo que deveria ser seguido por Pedrinho, o deixam ainda mais incomodado, despertando-lhe um «certo despeito» e enchendo-o de ódio. <sup>41</sup> Era a primeira vez que se sentia inferiorizado em relação àquele que era considerado por todos um «mosca morta».

O sono agitado da mulher, que se seguiu à discussão com o filho, foi povoado de pesadelos que envolviam o falecido marido, o filho encolerizado e, por fim, a mais reveladora de todas as figuras: o demônio. O clímax da narrativa, que dá título ao livro, e sela o destino do filho, aparece para a mulher em sonho:

Surgira-lhe o diabo em pessoa, com o seu riso sarcástico. O coisaruim estava fazendo um pacto com o Pedro, nem mais nem menos. O Pedro seria o mais feliz dos homens. Contento, cheio de dinheiro, feliz nos amores. Um homem fadado a grandes destinos, haviam de

<sup>38</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 6.

<sup>39</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 11.

<sup>40</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 15.

<sup>41</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 15.

ver. Riquíssimo, não deixaria faltar nada a dona Venância. Belos automóveis, um palácio no Jardim América.<sup>42</sup>

Debalde, a mãe tenta, no sonho, envolver o outro filho na negociação proposta pelo diabo. Alheio a tudo, o filho chega mesmo a desaparecer do sonho, no momento em que o diabo, mesmo sem mostrar a sua face, cobra a sua parte do pacto selado com Pedrinho:

Novo aspecto do sonho. Henrique desaparecera. Também o diabo, que levava nas mãos uma folha de papel com a assinatura do Pedrinho, sumira atrás de um velho casarão, que se parecia muito com o edifício de uma fábrica de tecidos da Penha. Somente o Pedrinho ali estava, mas não bem vestido como a princípio, nem dando gargalhadas de contentamento ao lado do capeta, e sim com o rosto fechado, os olhos vermelhos, a boca torcida, como no momento em que ela, dona Venância, o havia surpreendido horas antes. E se ainda fosse só isso, não era nada: Pedrinho, no sonho, avançava para a mãe com uma garrafa de pinga numa mão e um punhal na outra.<sup>43</sup>

A sequência da decadência, embora guarde semelhanças com a de Hercules, ganha cores ainda mais trágicas, culminando com a morte de Pedrinho, como a confirmar o pesadelo da pobre mãe e as profecias que, desde a infância, sinalizavam um futuro sombrio para o destrambelhado menino. Bares, botequins, desordens, prisão e iminente enlouquecimento. A mulher com quem se casara, mesmo sendo «uma desmiolada»,<sup>44</sup> não suporta a convivência. Conselhos não adiantavam: «o alcoolismo o estava conduzindo, aos poucos, para a loucura completa».<sup>45</sup> Uma nova etapa do vício se manifesta, fazendo surgir a mania de perseguição, que o faz voltar-se contra o próprio irmão, tentando matá-lo. O ataque de fúria lhe rende a internação em um hospital de loucos, de onde foge, para ser encontrado um mês mais tarde, «coberto de andrajos, não mais embriagado, mas enfermo».<sup>46</sup>

Como no pesadelo da mãe, o destino de Pedrinho se consuma: é recolhido a um hospital onde vem a falecer. Antes, porém, do suspiro final, implora pelo

<sup>42</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 18.

<sup>43</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 18-19.

<sup>44</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 21.

<sup>45</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 21.

<sup>46</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 23.



perdão da família, por não ter ouvido os sábios conselhos da mãe, que em certa ocasião ensinara os filhos a nunca beber quando estivessem tristes, pois, segundo ela, «o vício começa exatamente quando a gente precisa esquecer alguma tristeza e lança mão da bebida».<sup>47</sup> Em seu leito de morte, o rapaz confessa que havia começado a beber quando foi demitido, por conta de uma discussão com o chefe: «quando tomei o primeiro trago, e mais outro, e mais outro, daí a pouco já havia esquecido tudo; sentia-me o homem mais feliz... ».<sup>48</sup>

Duas explicações sobre o trágico destino de Pedrinho concorrem: a da mãe e a do sobrinho Gastão, estudante de medicina. Construída como uma pessoa simples e supersticiosa, a mãe lê a desgraça do filho como uma tragédia que se anuncia por meio de alguns indícios: o cigarro; as advertências do vizinho e da futura nora; o sonho revelador; a recordação das palavras do falecido marido que considerava o álcool um veneno. O sobrinho, introduzido nos episódios finais da obra, compenetrado como o pai, a escutar, observar e anotar os detalhes do caso, e, ademais, munido das certezas da ciência, trata de explicar todos os horrores causados pelo alcoolismo. No diálogo com a avó, Gastão representa a voz da ciência, que se impõe como verdade, a afastar as superstições sobre a intervenção demoníaca nos destinos do morto. O epílogo é marcado pelo engajamento de toda a família em uma campanha contra o alcoolismo, pintado pelo cientista em todo o seu cortejo de horrores: paralisia, «*delirium tremens*», miséria, loucura, crime, suicídio, decadência orgânica e espiritual.

## ROBERTINHO E O CÃO RAIVOSO

Na coleção publicada pelo órgão governamental responsável pela propaganda sanitária, assim como na obra aprovada em 1928 como livro de leitura, os riscos de desregramento na vida adulta, com ênfase no alcoolismo —enunciados em narrativas de caráter exemplar, que visam oferecer as pautas que deveriam guiar os comportamentos infantis— articulam-se com orientações em relação aos cuidados a observar, de modo a prevenir uma série de enfermidades, como a tuberculose e a raiva. Em alguns casos, a higiene se interpõe no caminho das doenças, evitando as desgraças e promovendo a regeneração; em outros, a morte ganha a batalha. O terror, expresso

---

<sup>47</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 27.

<sup>48</sup> Coutinho, *O pacto com o demônio*, 27-28.

nas figurações do demônio ou da morte, constitui-se, em algumas das narrativas, em recurso privilegiado para falar ao coração dos pequeninos, como a sugerir que, aterrorizados, eles se convenceriam da necessidade de aderir às prédicas que vão sendo sutilmente introduzidas entre um susto e outro.

*A última caçada*, como o título sugere, se enreda em torno da morte. Robertinho, filho caçula do administrador de uma fazenda, paga com a vida pela imprevidência do pai. A narrativa da vida na fazenda, durante o período das férias escolares, toma como foco as peripécias do menino e seu companheiro, Tiãozinho, filho da cozinheira, amigo de todas as horas, «ambos combinavam perfeitamente e nunca brigavam. Viviam em peraltagens pela fazenda afora». <sup>49</sup> Dados a toda sorte de travessuras, não eram meninos desobedientes e iam muito bem na escola. A trama se desenrola em torno da participação dos dois meninos em uma caçada, junto com o avô de Robertinho. A empolgação era imensa, era a primeira vez que o avô, reconhecendo os progressos do neto na montaria, o convidava para uma caçada: a primeira e última.

No momento da saída para o passeio, os meninos se dão conta do desaparecimento do companheiro de aventuras, o cão Totó. Apesar das objeções do avô, saem a procurá-lo, indo na direção indicada pelo pai de Tiãozinho, que o vira na véspera «largado a um canto, parecendo muito doente». <sup>50</sup> As informações se confirmam. O encontro com o animal é um momento dramático na estrutura da narrativa, já que é também o momento do encontro simbólico com a morte, que, expressa na face do animal, antecipa a própria morte do menino: «O pobre animal era uma ruína. Magríssimo, escaveirado, os olhos muito abertos e fixos, um fio de baba sanguinolenta escorrendo pelo canto da boca. Nem sequer notou a presença do menino». <sup>51</sup> A insistência de Robertinho em fazer com que o bicho «apalermado, alheio a tudo» se levantasse e os acompanhasse, rende-lhe uma mordida. <sup>52</sup>

Temeroso da repreensão dos adultos e das possíveis consequências para o animal, o menino pede ao companheiro que não comente o ocorrido com ninguém: «se mamãe perguntar, diga que eu machuquei no arame da cerca,

<sup>49</sup> Amaral, *A última caçada*, 10.

<sup>50</sup> Amaral, *A última caçada*, 15.

<sup>51</sup> Amaral, *A última caçada*, 15.

<sup>52</sup> Amaral, *A última caçada*, 16.

ouviu? E não vamos contar que vimos o Totó». <sup>53</sup> Um pacto de consequências fatais! Não imaginava o menino que a mentira lhe custaria a própria vida. O clima bucólico da fazenda torna-se sombrio duas semanas depois, quando Robertinho adoece gravemente. O quadro parece inusitado, considerando o vigor físico do garoto, cuja descrição remete a Hercules. A sequência dos fatos, que começa com o abatimento que toma conta do menino, após a morte do cão, ocupa um terço da obra.

Cerca de duas semanas depois da caçada o casarão da fazenda ficara sombrio com um acontecimento infausto e imprevisto: Robertinho adoecera, e o seu aspecto, desde o princípio, não parecia bom. Menino sadio, tendo os braços e as pernas feitos de puro músculo, grande bebedor de leite e comedor de frutas, dono de uns dentes rijos e afiados, nunca soube o que fosse doença, depois do sarampo e da tosse comprida. Era, pois, alarmante que subitamente caísse de cama, febril e abatido. <sup>54</sup>

O menino, repentinamente, assume as feições da morte, estampadas na face do cão que lhe mordera. O médico, que era padrinho de Robertinho e orientara a mãe nos cuidados a ter com a sua alimentação e a higiene desde o berço, vem encontrá-lo prostrado. A carga emocional vai sendo construída de forma crescente:

Agora o seu estado era muito diferente. Na véspera sentiu-se desanimado, queixando-se de fraqueza nas pernas, a ponto de não se aguentar por muito tempo em pé. Quase não comeu ao jantar e foi cedo para a cama, a conselho de d. Adelaide. No dia seguinte já não tinha coragem para se levantar, doía-lhe a cabeça. Os pais notaram, durante a noite, que o menino gemia, revolvía-se na cama e tinha às vezes uma espécie de alucinação ou terror. <sup>55</sup>

O médico, uma figura sempre sorridente e confiante, chega à fazenda preocupado e sério. Ao ver o menino e ouvir a narrativa da mãe sobre a doença, sua expressão se torna sombria, como a perscrutar os desdobramentos pouco promissores do quadro: «mais sombrio ainda se fez o rosto do dr.

---

<sup>53</sup> Amaral, *A última caçada*, 17.

<sup>54</sup> Amaral, *A última caçada*, 24.

<sup>55</sup> Amaral, *A última caçada*, 25.

Abílio, que parecia pensar em uma enfermidade de difícil tratamento». <sup>56</sup> Informado pelo pai de Tiãozinho sobre o episódio que resultara na mordida do cão, antes mesmo de chegar à fazenda, o médico logo fecha um diagnóstico. A narrativa da comunicação da trágica notícia aos pais de Robertinho é carregada de intensa carga emocional: «mais como amigo do que como médico tenho que prevenir vocês, para evitar um choque maior. Infelizmente, creio que aconteceu uma calamidade. O Roque me contou, em casa, um fato gravíssimo que – oh profissão terrível! – acabo de confirmar». <sup>57</sup>

Ao dar a notícia aos pais, o médico sentia «que lhe faltava a voz. Era grande a sua emoção. Encarava o casal com ar de piedade». <sup>58</sup> A comoção toma conta da cena. Os pais, diante da notícia, «mostravam-se aterrados desde as primeiras palavras do médico». <sup>59</sup> Ao saber que o menino fora mordido pelo cão, que morrera uma semana antes, são tomados por um misto de sentimentos, entre eles a culpa pela negligência em relação aos conselhos do médico:

O administrador teve um sobressalto. D. Adelaide empalideceu. Lembraram num segundo que o médico várias vezes lhes aconselhara que mandassem vacinar os cachorros da casa contra a raiva. Cães não vacinados —pregava sempre o clínico— representam um perigo tremendo, principalmente para as crianças, que nunca sabem se lidam com cachorro são ou louco. Lembraram e compreenderam tudo! <sup>60</sup>

A lição fora aprendida tardiamente e de forma cruel. A confissão do amigo; a descrição do estado em que encontraram o cão, traduzido pelo médico como «última fase da raiva, quando é mais virulenta»; <sup>61</sup> o estado de Robertinho, tudo confirma o mal incurável e seu desfecho. Delírios, espasmos, paralisia dos membros preparam o «golpe da morte». <sup>62</sup> Sentimentos de revolta dão o tom da cena final. Revolta profunda e inconfessada do médico contra a negligência e imprevidência dos pais; revolta do pai contra si mesmo:

<sup>56</sup> Amaral, *A última caçada*, 26.

<sup>57</sup> Amaral, *A última caçada*, 27.

<sup>58</sup> Amaral, *A última caçada*, 27.

<sup>59</sup> Amaral, *A última caçada*, 27.

<sup>60</sup> Amaral, *A última caçada*, 27.

<sup>61</sup> Amaral, *A última caçada*, 28.

<sup>62</sup> Amaral, *A última caçada*, 29.

Seu Juliano, que, debaixo de sua aparente rudeza, era um grande afetivo, e estava aniquilado, como que adivinhou o sentimento do médico ao clamar de súbito:

— Maldita imprevidência, dr. Abílio! Quando que eu podia imaginar?! Aquele cachorrinho do inferno!...<sup>63</sup>

A dor profunda tem o seu lugar na estrutura da narrativa. O que não fora aprendido por meio de palavras era agora aprendido pelo terror e pelo sofrimento extremo. A comoção do pai o impulsiona à ação:

— Pois eu juro que amanhã mesmo mandarei buscar as vacinas na cidade e hei de fazer que aqui não fique um só cachorro com essa doença do diabo. Perdi meu filho, mas hei de salvar os outros e todas as crianças desta fazenda. Vou mandar fazer uma vacinação em massa, queiram ou não queiram os donos dessa cainçalha que anda por aí.<sup>64</sup>

Contristado o avô deixa a fazenda. A narrativa se encerra com o tom melancólico que marca a «última caçada que houve no Cerrado».<sup>65</sup>

## MARIA CLARA, O BAILE E A VACINA

Menos dramática, mas sem abrir mão de uma pitada de terror, a obra *Baile de formatura* põe em cena uma jovem colegial, em seus preparativos para a ocasião festiva. Bem posicionada socialmente, suas preocupações gravitam em torno dos «figurinos esvoaçantes», como «ritmos de valsa corporizados em tule» com que se apresentaria.<sup>66</sup> «Gestos quase plangentes»,<sup>67</sup> olhos dourados, «pele translúcida sobre as veias azuladas das têmporas e a pétala rosada das faces».<sup>68</sup> Assim é descrita a jovem filha única.

Aparentemente deslocado das questões de higiene e saúde, o título parece se configurar em uma reprovação à posição conferida às questões de saúde, na ordem de prioridades da jovem. O tema é introduzido em sua

---

<sup>63</sup> Amaral, *A última caçada*, 30.

<sup>64</sup> Amaral, *A última caçada*, 31.

<sup>65</sup> Amaral, *A última caçada*, 32.

<sup>66</sup> Almeida, *Baile de formatura*, 3.

<sup>67</sup> Almeida, *Baile de formatura*, 5.

<sup>68</sup> Almeida, *Baile de formatura*, 6.

ocupada agenda —entre a costureira, o cinema e o encontro com uma amiga— pelo pai que manda vacinar toda a família contra a varíola, em função dos rumores de alguns casos da enfermidade nas vizinhanças. Ao telefone com a amiga, seu tom é de insatisfação:

[...] vamos ter que desistir do cinema. Imagine que papai inventou uma história de varíola... É, sim... Diz que tem havido alguns casos no bairro, e quer, por força, que toda gente se vacine e revacine aqui em casa... Absurdo! Por que isso?... Ora! Não acredito! Bobagem! Além do mais, já fui vacinada quando era criança... Pois é... Vem aqui um sujeito, às quatro horas, justamente a hora da nossa sessão [...] Você vai e nós nos encontramos na saída [...] Faça questão que veja o vestido!<sup>69</sup>

No diálogo com o vacinador, as inquietações da moça ganham evidência: a marca no braço, a febre e o imperdível baile de formatura. O encontro com a amiga, que se segue, evidencia o expediente de que lançara mão a jovem para livrar-se dos possíveis incômodos da vacina: correria ao quarto imediatamente e limpou a vacina com um algodão umedecido em água de colônia. A providência lhe parece mais que óbvia, como declara à amiga assustada, que lhe reprova a atitude. Ao que ela contesta: «—Louca? Ora essa! Faltam um, dois, três... Espere aí... Hoje é 3, para 17, 14... Faltam 14 dias para o baile: se a vacina pegasse, como é que eu havia de ir de braço inchado, febre e tudo mais?—».<sup>70</sup>

Os significados do baile para a menina-moça iam muito além da conclusão de uma etapa da escolarização. Muito distinto do uniforme escolar, das roupas esportivas usadas nos períodos de férias, «aquilo, agora, era outra coisa. Era o primeiro vestido para o primeiro baile. Dentro dele, simbolicamente, acabava a criança e começava a mulher. Era uma alva, pacífica emancipação».<sup>71</sup> Em meio à expectativa quanto ao momento tão desejado pela jovem, o terror quanto às consequências do despropósito de remover a vacina viria em forma de um sonho aterrorizante. Na véspera do baile, em um cenário em que se destaca o luminoso vestido branco de organza, Maria Clara adormece e é tomada por um pesadelo: começa a arder em fe-

<sup>69</sup> Almeida, *Baile de formatura*, 4

<sup>70</sup> Almeida, *Baile de formatura*, 13.

<sup>71</sup> Almeida, *Baile de formatura*, 16.

bre, acompanhada de náuseas, calafrios e uma estranha erupção que toma conta do seu rosto e, aos poucos, de todo o corpo. Ao mesmo tempo em que avançam pelo corpo, as manchas vão se transformando em vesículas, pústulas purulentas, repugnantes feridas, deixando-lhe a pele marcada por profundas cicatrizes e desfigurando-a. No sonho, o vestido assume o mais extremo contraste com a sua «monstruosa, irremediável miséria física». <sup>72</sup> Movida pelo desespero, lança sobre si o mesmo líquido com o qual removeira a vacina, a água de colônia, e ateia fogo ao corpo.

O pânico produzido pelo sonho a faz despertar no dia seguinte aflita; apressar-se para chegar ao posto de saúde; e, diante do mesmo estudante de medicina convocado pelo pai, confessar o delito, contar-lhe o terrível pesadelo e pedir a revacinação. O final é feliz. O sonho aterrorizante salva a jovem mimada, lançando-a aos braços do vacinador, a bailar a valsa simbólica, em seu esvoaçante vestido. Aos seus ouvidos, a amiga e cúmplice sussurra em tom ambíguo e provocativo: «Tomara que pegue!». <sup>73</sup>

## ZEQUINHA, CARLOS E O FANTASMA DA TUBERCULOSE

*A maior riqueza* e *O gigante invisível* são textos que abordam, sob diferentes perspectivas, a temática da tuberculose. Os personagens centrais: um menino e um trabalhador boêmio. A ida do menino Zequinha, de *A maior riqueza*, para o parque infantil é o ponto de partida de uma história que promove o reencontro de sua mãe, Leonor, com uma amiga de infância, Diva, casada com o médico da instituição. A narrativa da antiga amizade ganha volume, já que destaca os modos distintos como as famílias das duas amigas encaravam a educação dos filhos. Embora ambas fossem filhas de famílias que viviam em condições modestas, Diva e seus irmãos eram incentivados a estudar, enquanto a família de Leonor, que era maior, tinha uma expectativa de que os filhos terminassem logo os estudos, para começar a ajudar no sustento familiar, bastando, para tanto, a conclusão do 4.º ano do grupo escolar.

Concluída a Escola Normal e como que emancipada pela cerimônia do baile de formatura, Diva casa-se com um médico e muda-se para outra cidade, enquanto Leonor segue sua rotina, desdobrando-se entre a fábrica e

---

<sup>72</sup> Almeida, *Baile de formatura*, 21.

<sup>73</sup> Almeida, *Baile de formatura*, 21.



o apoio à mãe nas costuras. Os preparativos para o casamento da amiga abrem espaço na narrativa para uma espécie de aula sobre as virtudes do exame pré-nupcial, afinal, como comenta a mãe da noiva, «para ter filhos é preciso ir para o casamento com a certeza de que nada há de mal, no organismo, que possa ser transmitido à criança».<sup>74</sup>

Zequinha é o elo que reaproxima as duas amigas, cujas vidas são construídas pelo contraste. Se Diva encarara com calma e felicidade o casamento, Leonor não aprendera a ser esposa nem mãe, indo para o casamento com a «sensação desagradável do boi que vai para o matadouro».<sup>75</sup> Apesar do apelo recorrente, construído no curso da narrativa, à importância do exame pré-nupcial e das noções de educação sexual, não vêm daí os problemas que sobressaltam o casal. Os males que acometem o filho, que nasce «aparentemente sadio»,<sup>76</sup> vêm da convivência com a avó que, nas lides cotidianas da costura, começa a apresentar uma «tossezinha impertinente»,<sup>77</sup> tomada pela família como uma «bronquite sem importância»,<sup>78</sup> mas que, afinal, se revela como uma tuberculose que ela lega ao neto. A vida da mulher é construída sob o signo da penúria:

A alimentação era precária. O que ganhavam —ela costurando e o marido e os filhos na fábrica ou nos balcões de lojas comerciais— não dava para melhor. Casados estes, ficara reduzida ao salário do companheiro e ao fruto penoso da máquina, que pedalava sem descanso. A princípio a tosse preocupava a família. Depois se habituaram. E, quando aumentava, resolviam o caso com um chá de canela e algum repouso.<sup>79</sup>

O quadro se agrava com o falecimento do marido, quando a mulher passa a viver com a filha, dividindo o quarto com o neto. É nesse ponto da narrativa que se articula a ida do menino para o parque infantil, onde é examinado por um médico —coincidentemente o marido da velha amiga—, que lhe nota os sintomas e, em seguida, pede exames: «Leonor, a despeito do dr. Luís trabalhar em silêncio, não estava gostando da expressão do rosto

<sup>74</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 12.

<sup>75</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 12.

<sup>76</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 18.

<sup>77</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 18.

<sup>78</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 18.

<sup>79</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 18.

dele, principalmente quando escutava o peito do pequeno... ».<sup>80</sup> Em busca de explicações para o quadro, as perguntas levam o médico a suspeitar da doença da mãe de Leonor e do modo como a criança se contaminara:

— [...] E sua mãe? Continua forte, como nos bons tempos?

[...]

— Não sei bem o que mamãe tem! Acho que é bronquite. Tosse muito. Uma tossezinha impertinente. No começo, dávamos um chá e logo passava. Agora está pior. Fora isso, não sente mais nada. Olha o Zequinha, para eu poder cuidar da casa. Conta-lhe histórias. Adora o neto! Ele dorme no quarto dela...<sup>81</sup>

Está dada a chave que o médico precisa para fechar o quadro do pequeno. A avó sofre de tuberculose pulmonar e o pequeno não havia tomado a vacina BCG. Ao ouvir o relato do marido, a velha amiga fica desolada, atribuindo a culpa de tudo ao fato de Leonor não ter podido estudar e sequer ter contado com alguém que a orientasse na criação do filho. As conclusões são sombrias: embora o mal da criança seja curável, por estar no começo, a avó teria que ser isolada imediatamente. A notícia é dada pelo médico ao pai da criança, que se sobressalta com a frase final: «ainda poderemos salvar o menino».<sup>82</sup> Sobre a sogra, o médico informa que se trata de uma tuberculose: «nem mais nem menos, tuberculose, com todas as letras».<sup>83</sup>

À notícia segue-se a reprovação em relação à imprevidência dos pais da criança, que não lhe aplicaram a vacina: «vocês não fizeram isso. Agora, não adianta lamentar».<sup>84</sup> Ficaria curado, o pai não deveria temer, assevera-lhe o médico, já que «uma das vantagens da instituição a que sirvo é exatamente esta: roubar à morte e à doença uma porção de vidas, inculcar hábitos higiênicos e saudáveis às crianças».<sup>85</sup> Ajudados pelo casal amigo, os pais de Zequinha conseguem salvar a vida do filho, sua *maior riqueza*. A narrativa termina com o silêncio sobre os desdobramentos do caso da avó do menino e uma ampla reflexão de Leonor sobre o valor da saúde, a utilidade

---

<sup>80</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 24.

<sup>81</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 26.

<sup>82</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 29.

<sup>83</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 30.

<sup>84</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 30.

<sup>85</sup> Miranda, *A maior riqueza*, 30.

dos exames, a importância dos conhecimentos de puericultura e nutrição, a necessidade das vacinas. E sua mãe? Teria pago com a vida pela imprevidência da família? Seu sacrifício teria servido para salvar a vida do neto? A possibilidade da morte aqui fica no ar.

A tuberculose é metaforizada na obra de Afonso Schmidt como *o gigante invisível*. O desfecho não é trágico, mas como Leonor e sua família, seu protagonista aprende a pautar sua vida segundo os sãos conselhos da higiene. Ao contrário da família de Leonor, imprevidente quanto à saúde, mas honrada pelo trabalho, o contador Carlos leva uma vida desregrada: suas noites são passadas a conversar pelas esquinas e em visitas aos botequins. O dia vem encontrá-lo exausto, mas é preciso levantar-se e apurar-se para não chegar tarde ao trabalho. Vive em um pequeno quarto de pensão, sem janela, cuja porta dá para o corredor. A descrição do ambiente conjuga tudo o que há de mais condenável, segundo os preceitos da higiene:

ali não entrava o sol nem o ar fresco que, lá fora, passando pelo jardim da praça e pelos canteiros dos quintais, se impregnava de deliciosos perfumes. O ar não se refazia. Cheirava a umidade e a mofo. Nos cantos havia cisco esquecido pela pretinha Pitú, que era uma boa criatura, mas relaxada, relaxada...<sup>86</sup>

A vida boêmia que leva lhe cobra um preço. No dia seguinte no escritório, sente-se cada vez pior. Depois de um tempo dedicado ao trabalho, sua face expressa o mal-estar de que é tomado, tornando-se pálida a sua pele e arroxeados os lábios. A ajuda viria de um companheiro de trabalho, que lhe cobrava um regime de vida mais moderado, interrogando-o sobre os hábitos alimentares. Irritado com as prédicas do colega, o boêmio, invariavelmente, corria ao botequim mais próximo e recobrava o ânimo com uma boa dose de aguardente; na hora do almoço, «tapeava a fome» com o mesmo regime: dois pastéis e um trago. As censuras e advertências recorrentes do companheiro de trabalho, que lhe recomendava cuidados com a alimentação e a ida a um médico, são recebidas com desdém.

Não tarda para ver agravado o seu estado. Sem apetite, desanimado, com dores nas costas, Carlos começa a faltar ao trabalho. Sua redenção, que ocupa dois terços da obra, começa com a visita do colega. Preocupado com suas ausências, o companheiro de trabalho vai ao seu encontro, leva-o ao médico,

<sup>86</sup> Schmidt, *O gigante invisível*, 4.

negocia com o chefe o seu afastamento e providencia a sua mudança para a casa de um casal, cujo marido tuberculoso estava sendo tratado pela esposa. A visita ao médico é cercada de apreensão; a primeira indagação o aca-nha: «—Leva uma vida regular?». <sup>87</sup> Diante da resposta, representada como um catálogo de vida saudável às avessas, o médico se mantém impassível. Sem camisa, o doente é exposto a uma sequência de indecifráveis exames. Terminada a sessão de exames, o medo toma conta de Carlos, que interpela o médico, perguntando-lhe sobre o seu estado. Sem receber uma resposta e sem conseguir decifrar as rugas na testa do médico e a serenidade triste dos seus olhos, é informado de que deverá voltar no dia seguinte para receber o resultado dos exames. A apreensão o acompanha na volta para casa.

Diante da desgraça de Carlos parecem suspender-se temporariamente as recriminações. O médico, com seu ar indecifrável, faz-lhe algumas perguntas e o examina, mas não lhe censura, pelo menos na primeira consulta, os modos de vida. O companheiro de trabalho, desdobrando-se em gestos de solidariedade, vem em seu auxílio, explica-lhe sobre a doença, os modos de transmissão e o «perigoso inimigo» que pode instalar-se no organismo, <sup>88</sup> deixando de lado os irritantes conselhos. A desgraça parecia, nesse momento, dispensar recriminações, quiçá o sofrimento fosse suficiente para ensinar ao boêmio o valor de uma vida regrada.

A confirmação da doença é recebida como uma sentença de morte. O médico limita-se a dizer-lhe que o seu estado de saúde não é bom e explicar que:

— Não sendo bom —deve compreender— é mau. Vou ser mais claro: o senhor está com uma lesão no pulmão direito e, como se encontra muito debilitado pela existência irregular que tem levado, o mal caminha depressa. Deve sair da Capital, já não tanto para mudar de clima, mas para mais facilmente organizar um ambiente adequado, de repouso e tratamento. Fica proibido de qualquer trabalho. Deve entregar-se a repouso absoluto. <sup>89</sup>

As palavras proferidas pelo médico causam-lhe «grande e dolorosa impressão». <sup>90</sup> O prestativo amigo, que, como se verá mais tarde, também já

<sup>87</sup> Schmidt, *O gigante invisível*, 12.

<sup>88</sup> Schmidt, *O gigante invisível*, 15.

<sup>89</sup> Schmidt, *O gigante invisível*, 18.

<sup>90</sup> Schmidt, *O gigante invisível*, 20.

tivera tuberculose, não mede esforços, negociando com o chefe e providenciando a sua saída da capital. O episódio é cercado de emoções intensas: o choque causado pela notícia, o desalento, a comoção de Carlos com o apoio e a solidariedade dos colegas, que quase o levam às lágrimas: «quem sabe se pela primeira vez, sentiu-se emocionado».<sup>91</sup> Afinal, em meio a tudo, percebe que existe «um sentimento, que está acima do medo de contaminar-se: é a solidariedade».<sup>92</sup> Criado esse clima extremo de emoções, o narrador põe em cena, por meio dos temores de Carlos, a metáfora que dá título à obra:

[...] a tuberculose é a doença da miséria. Nas nossas grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Salvador, a sua multiplicação é rápida, acompanha o pulsar de um relógio. Há, não se sabe onde, um gigante de clava em punho, que não se cansa de desferir golpes sobre golpes... Tic, tac, tic, tac... Mais um, mais um, mais um... Esse gigante feroz é invisível. Chama-se Dom Bacilo...<sup>93</sup>

No contato com o gigante, Carlos aprende «coisas que até há pouco ignorava».<sup>94</sup> Uma delas é a solidariedade, que lhe assegura a cura; a outra, o valor de uma vida pautada segundo os sãos princípios da higiene. A vida em companhia do casal que o recebe é cercada de orientações que visam evitar a propagação do mal. Cada conversa entre os dois doentes é uma lição sobre a tuberculose. Cada refeição, cada espirro, enfim, cada gesto da vida cotidiana, em uma casa organizada com vistas à cura dos tuberculosos, é apresentado como um exemplo, cujo acerto vai sendo confirmado, mês após mês, nas visitas ao médico.

## NOTAS FINAIS

A indagação sobre a presença e o papel das emoções nos manuais destinados, entre outros públicos, às crianças que frequentavam a escola elementar remete à questão do lugar das emoções na socialização escolar. O exame do *corpus* de textos selecionados supõe, à primeira vista, a possibilidade de transmissão de um conjunto de conhecimentos, apresentados sob o signo da cientificidade, acerca das doenças e dos modos como elas são

<sup>91</sup> Schmidt, *O gigante invisível*, 20.

<sup>92</sup> Schmidt, *O gigante invisível*, 21.

<sup>93</sup> Schmidt, *O gigante invisível*, 21-22.

<sup>94</sup> Schmidt, *O gigante invisível*, 23.

contraídas e como podem ser evitadas e tratadas. É importante assinalar que a análise de tais textos permite flagrar a carga afetiva de que são investidos, possibilitando pôr em cena o recurso às emoções em que se pauta um projeto que visa, em última instância, à adesão a um modo de vida saudável, o qual poderia ser alcançado pela via da internalização desses imperativos por parte das crianças.

Os livros examinados acionam, a cada passo, o medo das doenças e da morte. Mordido por um cão raivoso, Robertinho, que não fora vacinado, não resiste. A tuberculose, gigante invisível, rouba vidas, como sugere o silencioso fim dado à avó do pequeno Zequinha. Nem sempre consumado, o aceno da morte ensina como se deveria conduzir a vida, como evidenciam os temores experimentados pelos pais de Zequinha e pelo contador Carlos. O álcool, em seus parentescos com o demônio e com a degeneração progressiva, também figura nessas narrativas, que pretendem convencer os seus leitores da importância da adesão a um modo de vida pautado segundo a higiene. Aos temores, associam-se sentimentos como a vergonha e a culpa, que algumas vezes faz sua aparição em forma de pesadelos. Em meio aos desregramentos, a voz da ciência se impõem como verdade e a figura do médico, como porta-voz de certezas sobre as formas de conduzir a vida cotidiana.

O enfrentamento das indagações levantadas permite problematizar o conteúdo emocional presente em textos orientados segundo o intento de ensinar os modos de preservação da saúde e, ao mesmo tempo, de configurar um modo de vida saudável. A análise desse material possibilita interrogar a concepção de que a adesão aos postulados da higiene pode ser compreendida como uma decisão que toma como base um cálculo racional ou, em outras palavras, que pode ser pensada no âmbito de uma rígida demarcação entre razão e emoção. O recurso às emoções sugere que as pautas higiênicas oferecidas às crianças, por meio desses textos, se articula em torno do intento de governo das condutas pela via do governo das emoções, como um investimento que resulta da socialização escolar. Inscreve-se, pois, em um processo de civilização, na acepção de Elias,<sup>95</sup> o qual pressupõe o controle dos impulsos, o refinamento das maneiras ou, em outras palavras, a conformação a uma ordem moral, como parte de um processo interno em que os outros assumem um papel importante na produção de sentimentos, como o de vergonha e embaraço.

---

<sup>95</sup> Norbert Elias, *O processo civilizador: uma história dos costumes* (Rio de Janeiro: Zahar, 1994).

A análise do jogo de oposições presente nesses textos, em que parecem se enfrentar, a cada passo, o bem e o mal, envia ao problema da interpretação, dos múltiplos sentidos e dos esforços no sentido de controlar as ambiguidades, por meio da fixação de um sentido único, capaz de guiar as condutas das crianças e das suas famílias, nas mais diferentes situações da vida cotidiana. A indagação sobre a interpretação e, por essa via, sobre os referentes desse discurso coloca-se, nesse sentido, como um aspecto que não pode ser negligenciado. Construir um conjunto de regras que pretendem abarcar as mais distintas dimensões da vida constitui-se em um investimento que sugere, como o seu não dito, outras formas de viver, significadas como arcaicas, atrasadas, identificadas à ignorância, à pobreza e à doença.

Embora múltiplos aspectos componham as narrativas examinadas, um único tópico parece atravessar esses textos: a mudança dos modos de vida.<sup>96</sup> Mesmo que nem sempre mencionado, mas antes sugerido em alguns dos textos, a presença das múltiplas orientações e o modo como são enunciadas sugere este como o tópico central das recomendações. As múltiplas dimensões explicitadas são exemplares quando se busca compreender os modos como se constrói o sistema de regulação denominado por Scheff «*deference-emotion system*», o qual opera virtualmente de modo contínuo, instantâneo e invisível, ainda quando o indivíduo está sozinho, articulando-se não apenas às dimensões mais visíveis das relações sociais, mas também à dimensão interna das emoções envolvidas nessas relações, tendo em vista assegurar o alinhamento dos pensamentos, sentimentos e ações individuais.<sup>97</sup>

As práticas corporais que percorrem esse discurso induzem ao autorregramento, à possibilidade de contrariar os próprios impulsos e desejos, de interromper o curso das ações desaprovadas antes mesmo que elas se insinuem nos pensamentos, o que não pode ser assegurado sem um trabalho sobre as emoções. Nesse sentido, como sugere Faria, na narrativa da vida de Hercules,<sup>98</sup> não basta aprender um comportamento; a adesão às regras higiênicas pressupõe uma prática, a qual se ancora sobre um jogo de emoções que inclui o medo, o terror e a vergonha.

<sup>96</sup> A presente análise é inspirada no exercício de interpretação de um fragmento de novela *Daniel Deronda*, de George Eliot, proposto por Thomas J. Scheff, *Microsociology*.

<sup>97</sup> Scheff, *Microsociology*, 75.

<sup>98</sup> Faria, *Livro de Hercules*.



Entre a vigília e o sono, entre a realidade e o mundo onírico, a doença e os desregramentos morais assumem nos manuais uma dimensão fantasmagórica, marcada pela atemorização, pelo terror, chegando quase às raias do pânico. Analisando as causas e objetos do medo e procurando dar conta das relações que ele estabelece com o poder, Barbalet chama a atenção para a dimensão coletiva dessa emoção, destacando que o clima de medo, em geral, serve tanto aos objetivos de manutenção da identidade social e política, como para desencadear um comportamento ou ação coletiva.<sup>99</sup> Cabe notar que os medos acionados pelos textos escolares em exame são todos eles sociais, na medida em que incidem sobre objetos sociais. Servem, nesse sentido, aos propósitos de ativar respostas, de produzir mudanças.

Os livros examinados acionam medos vinculados a uma expectativa no presente de um resultado negativo no futuro ou de um risco iminente no próprio presente; à projeção de danos e riscos; ou, em outros termos, à ideia de que as ações presentes podem redundar em problemas futuros. Por essa via, interpelam as crianças em relação àquilo em que elas estão se constituindo. Os medos construídos nas narrativas instauram um clima de apreensão emocional, uma perspectiva negativa orientada para o futuro, na forma de antecipação ou de uma ameaça presente. As prédicas higienistas examinadas permitem observar a dimensão temporal envolvida nessa abordagem emocional dos temas de saúde: enredam passado, o presente e o futuro, na construção de uma indagação sobre os cenários que se desenham, a par da vida presente, mas também das heranças legadas pelo passado. Esperança ou temor são os dois eixos dessas narrativas moralizantes.

Longe de considerá-lo como uma emoção incapacitante e paralisante, que induz à inércia, Barbalet destaca o potencial do medo na constituição de interesses e na orientação da ação. Suas indagações remetem à necessidade de levar em conta os vínculos entre essa emoção e os processos de mudança social e política.<sup>100</sup> O esquema emocional que dá suporte às narrativas de saúde e moral parece apoiar-se no medo como recurso que visa à contenção do comportamento, como móvel capaz de produzir uma mudança. Nesse sentido, as prescrições de vida saudável que percorrem tais textos parecem pautar-se num forte vínculo entre medo e mudança de comportamento, capaz de dirigir a ação do sujeito em direção ao alcance de circunstâncias desejáveis.

---

<sup>99</sup> Barbalet, *Emotion, social theory*.

<sup>100</sup> Barbalet, *Emotion, social theory*, 155-157.

De igual modo, a vergonha de que são tomados alguns personagens, entre os quais Hercules e Carlos são figuras emblemáticas, merece consideração quando se procura compreender o papel das emoções no controle dos comportamentos. Segundo Scheff, as emoções assumem um papel fundamental na compreensão dos constrangimentos que levam o indivíduo a se conformar às expectativas sociais, mesmo que não o desejem. A vergonha é tomada pelo autor como um termo genérico para designar uma ampla gama de emoções, incluindo o embaraço e a humilhação. Se como sugere o autor, a vergonha, emoção social derivada de uma percepção negativa de si pelo próprio indivíduo ou pelos outros, é a mais frequente e provavelmente a mais importante das emoções,<sup>101</sup> seria possível interrogar em que medida a persuasão em relação às regras higiênicas estaria lastreada em emoções ligadas à possibilidade de identificação do indivíduo com os riscos e perigos de desvios de toda ordem. Nesse sentido, a vergonha operaria, nas narrativas examinadas, como uma forma de exortação moral.<sup>102</sup>

Finalmente, é possível pensar que as emoções, na sua dimensão ligada à autopercepção e à percepção social compõem as bases sobre as quais se sustenta a construção de um modo higienizado de viver em sociedade. O aprendizado das normas higiênicas não se ancora, nesse sentido, tão somente no âmbito cognitivo, mas lança mão das emoções, entre as quais é possível supor que o medo e a vergonha (e suas variantes o embaraço, a humilhação e a inadequação) jogam um papel relevante. Cabe notar que, visando atuar sobre os comportamentos infantis, os modelos de conduta difundidos por meio dessa literatura, parecem se calcar sobre a figura do adulto limpo e bem comportado, capaz de monitorar continuamente o próprio comportamento, segundo as convenções sociais. O exame da retórica dessas narrativas pode oferecer, assim, elementos significativos para uma análise sobre as interações entre as sanções externas prescritas e as emoções internas que se almeja produzir ou, em outras palavras, sobre o jogo de emoções por intermédio do qual se busca produzir a conformidade às prescrições higiênicas. ■

<sup>101</sup> Scheff, *Microsociology*, 79.

<sup>102</sup> Barbalet, *Emotion, social theory*, 103.

### **Nota sobre o autora:**

HELOÍSA HELENA PIMENTA ROCHA possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (1985), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1995), doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2001), com estágio de pós-doutorado na Universidad de Buenos Aires (2008). É professora na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas; membro do grupo de pesquisa Memória, História e Educação. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e pesquisadora associada do Centro de Investigación MANES (UNED/Madrid). É membro do Conselho Assessor da Revista *Historia y Memoria de la Educación*; foi editora chefe da *Revista Brasileira de História da Educação*, no período de 2011 a 2013. É autora da obra *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)* (São Paulo: Mercado de Letras - FAPESP, 2003).